

LIVRO

Por dentro do mundo vip

Obra de André D'Angelo faz uma análise do consumo de luxo no Brasil

ALEXANDRE STAUT
São Paulo

Para que o luxo? A resposta é simples. Por que é necessário. A reflexão vem na esteira da leitura de "Precisar, Não Precisa — Um Olhar Sobre o Consumo de Luxo no Brasil", dissertação de mestrado em Marketing — recém-lançada em livro pela editora Lazuli — do administrador André Cauduro D'Angelo, na qual faz interpretações relativas ao fenômeno do consumo de luxo no Brasil.

Numa tentativa de compreensão do caráter simbólico do luxo, "numa época em que o design e a propaganda comandam um espetáculo divertido e excitante", como observa, D'Angelo parte do pressuposto de que consumo é cultura, pois, a partir daquilo que se consome é possível apreender características sociais e individuais. Ele diz: "a relação entre seres humanos e objetos de luxo permite conhecer inúmeras características das sociedades, constituindo um retrato das pessoas e de seus grupos".

Se consumir o luxo é um privilégio para poucos, e, estudá-lo do ponto de vista acadêmico uma oportunidade mais democrática, o pesquisador utilizou como critério a escolha de dois focos, vestuário e joalheria — os responsáveis pelo boom do mercado brasileiro, que colocaram o País no segundo lugar de melhor mercado emergente para esse tipo de produto, perdendo apenas para o asiático.

Mesmo que se perca em meio a entrevistas (de respostas óbvias demais) com consumidoras da Daslu, análises semióticas de anúncios publicitários de lojas de luxo e listagens de grifes que fazem sucesso no Brasil, o autor acerta ao passear pelo luxo ao longo da História do País. Neste ponto, contextualiza o por que de bolsinhas Luis Vuitton e vestimentas da Prada terem virado coqueluche por aqui hoje.

D'Angelo observa que, em linhas gerais, o consumo de luxo no Brasil não difere de outros países. Ele contextualiza: esse tipo de consumo está relacionado à valorização da qualidade, hedonismo, preocupação com a aparência e distinção, dimensões propostas pela estudiosa



Da chegada da corte portuguesa em 1808 à abertura das exportações por Collor o mercado de luxo só se expandiu



Judith White/Bloomberg News

francesa Danielle Allérés.

Porém, o autor observa particularidades nestes 500 anos de história (do luxo) do País. Duas merecem especial atenção: a primeira é relativa à abertura dos portos nacionais às nações amigas, em 1808, operação realizada pelo então príncipe regente D. João logo que se mudou para o Brasil. A segunda, a permissão de importação de bens de consumo realizada no governo de Fernando Collor de Mello, em 1990.

O autor, porém, não fecha as possibilidades nestes dois exemplos. Quando aborda o século XVI, diz que os condimentos orientais eram indicadores de status, devido à sua raridade. Aponta ainda a vinda de pianos

austríacos, o sucesso da cerveja holandesa, dos licores franceses, azeites e vinhos portugueses, dos queijos suíços, enfim uma infinidade de produtos que despertavam o interesse dos novoricos de então.

Mas o que mudou dos comércios chiques da Rua do Ouvidor, onde se concentravam a maioria das lojas finas de importados até o século XIX e o aparecimento da Daslu na década de 90? O luxo só aumentou, mostrando-se um setor que movimenta hoje mais de US\$ 1,5 bilhão por ano, dos quais um terço corresponde à moda.

Dono de um texto crítico, D'Angelo analisa fatos pitorescos da história do consumo de luxo, debruçando-se especialmente em fatos recentes. Conta, por exemplo, que, em 16 de março de 1990, um dia

depois de assumir o mandato presidencial, Collor anuncia suas medidas equivocadas para controlar a inflação. O confisco dos depósitos de poupança fez com que muita gente se suicidasse. Eliana Piva de Albuquerque Tranchesi, dona da Daslu, não se abalou. Contou ao autor do livro que, do discurso da equipe econômica na

TV, deletou quase tudo, guardando uma única frase: "As importações estão liberadas".

D'Angelo conta, então, como Eliana recheou sua loja com marcas cobiçadas, como reinou absoluta no Brasil, como bateu recordes internacionais de venda e como hoje tenta limpar seu nome após a ruidosa ação da Polícia Federal em 2005, que a acusou de sonegar impostos.

Por fim, o autor conclui a obra apontando para uma possível imaterialidade do que chama de "novo luxo", que não é ostensivo, nem material. Diz respeito ao tempo, espaço, silêncio, beleza, meio ambiente e segurança. Conceitos luxuosos nestes tempos de vida frenética nas grandes cidades. ■

Precisar, Não Precisa
de André Cauduro D'Angelo
Lazuli, 192 págs., R\$ 34

COMPORTAMENTO

Maria Antonieta, os novos ricos e o desprezo pela cultura

Cynthia Garcia*

Impossível não se impressionar com a estética do filme "Maria Antonieta", de Sofia Coppola, que estréia em nossos cinemas, sobre a arqui-duquesa austríaca que reinou na França até que a guilhotina cortasse o caro barato em que se esbaldavam ela, seu Luís XVI e toda *entourage* do Antigo Regime. Na obra da filha de Francis Ford Coppola grita o contraste entre a pobreza e o vazio do diálogo do filme com o luxo e a opulência das roupas, a suntuosidade da arquitetura e dos interiores rococó, todo um *modus vivendi* decapitado pela História.

Acabei lendo a biografia (publicada aqui pela Record) que inspirou a Coppola. É de autoria de Antonia Frasier, uma aristocrata inglesa especializada na realeza europeia, casada com ninguém menos que o dramaturgo Harold Pinter. Frasier pesquisou com a pompa e circunstância que o assunto requer. Discorre sobre uma rainha da França alienada, reconhecida semi-analfabeta (escrevia e lia mal: não gostava de ler), mas que gastava bem, isso

sim, imagem que passou para a História e que a condenou.

Ao observador atento há um paralelo a traçar entre o revolucionário *fin-de-siècle* e o nosso começo de milênio. Ambos são marcados por avanços tecnológicos — no caso do século XVIII, a Revolução Industrial — e por revoluções sociais — a tomada de consciência das camadas menos privilegiadas no mundo todo, atualmente, é um claro sinal. Não é a guerrilha urbana, uma forma contemporânea de revolução? Também chama a atenção a gritante superficialidade, alienação e arrogância das camadas mais privilegiadas no final do 1700, cenário, infelizmente, semelhante ao que ainda hoje observamos no topo da nossa pirâmide social.

O filme pode ser entendido como uma mensagem aos círculos do poder de nossos dias com seus políticos manipuladores e corruptos alinhados a uma horda de endinheirados anti-éticos fascinados por celebridades inócuas, meramente estéticas. Quem sabe uma crítica da diretora, reconhecida mente uma jovem culta e *cult*, a muitos de seus compatriotas poderosos, até ao presidente de seu país? Bush, o político mais importante do planeta, teve

oportunidade de cursar universidade, mas é notoriamente, um homem despreparado, sem cultura, um *cowboy* produzido no berço da política ultra-direitista do tio Sam. Maria Antonieta e Luis XVI, que se conheceram dias antes do casamento (na verdade, um régio acasalamento) tinham pontos em comum — eram poderosos, despreparados, vazios... — e governariam a França, o país mais importante da Europa de então. Fascinante, mas patética, Maria Antonieta pode ser vista como uma mimada Paris Hilton rococó, dona de um ego exibicionista, absolutista. Deleita-se com festas, prazeres, com o luxo dos inúmeros objetos que lhe são apresentados por seus *fournisseurs* (fornecedores, termo usado então para profissional). Mostra total desinteresse por assuntos políticos, desconhecimento da importância de seu papel demonstrado na frase, "que comam brioche", (*qu'ils mangent de la brioche*), atribuída a ela. Mas pode ser desculpada. O abuso da corte francesa não começou com a coitadinha, apenas terminou, literalmente, com ela e todo um regime. Bom lembrar que "a austríaca" (como foi chamada pelos franceses até no cadafalso) nasceu em época em que a

alfabetização era rara entre as mulheres. No entanto sua mãe, a imperatriz Maria Teresa da Áustria, foi uma das grandes monarcas da Europa, respeitada por suas estratégias e alianças políticas, uma mulher moderna para seu tempo, precursora de novos costumes — o pai, um zero a esquerda, um reprodutor bonito, como o príncipe Phillip da Inglaterra atual.

Como tudo na vida, conhecimento e refinamento são frutos de tempo e cultivo. A necessidade de cultura como parte integral e natural do dia-a-dia surge no momento em que há a percepção que apenas o consumo material não basta, que o dinheiro compra e muito, mas não tudo, que há um bem maior, abstrato, imaterial, que aflora com o aprimoramento da sensibilidade, do respeito pela criatividade, pelo conhecimento, pela arte, mas principalmente pela valorização do ser humano. Neste momento de reflexão intensa, de revisão de nossos valores sociais, a obra da jovem Coppola, embora insípida e superficial, traz à mente o desprezo que muitos de nossos poderosos parecem ter pela cultura. O tema me leva também a refletir sobre a falta de refina-

mento de uma parcela significativa de nossa elite do dinheiro, em particular, os tais novos ricos brasileiros. Culpa da estrutura, da formação e dos valores da nossa sociedade? Da educação brasileira? Sem dúvida. Mas não há tempo a perder. Ninguém nasce sabendo, mas temos a oportunidade de pôr fim a esse ranço cafon, inculto, fingido, reacionário que se instalou por quase todo lado. Vamos ampliar nossos horizontes. Por que não criar uma sociedade mais inteligente para nós, nossos filhos e nosso planeta? Fim ao culto à burrice!

O que me faz lembrar um episódio que aconteceu no ano passado com um amigo meu, um antiquário paulista, conhecido por sua verve e cultura, que se viu obrigado a dizer para uma cliente daquelas cheias de arrogância e grifes, que ela "podia ser grossa, ignorante, má pagadora, pretensiosa, mal-educada, mas tudo junto não." Ah, isso não.

*Jornalista e historiadora, co-autora do livro "Enciclopédia da Moda" (Companhia das Letras, 2007) e editora da revista Wish Report



ESTANTE

fsemana@gazetamercantil.com.br



As Américas e a Civilização
de Darcy Ribeiro

Companhia das Letras, 528 págs., R\$ 64

Publicado pela primeira vez em 1970, a obra do respeitado antropólogo e ensaísta analisa as causas da desigualdade do desenvolvimento desigual dos povos americanos.

O Sol se Põe em São Paulo
de Bernardo Carvalho

Companhia das Letras, 168 págs., R\$ 34

O jornalista escreve um romance vertiginoso, que começa no Japão, durante a Segunda Guerra Mundial, e se prolonga até o Brasil dos dias atuais, numa trama que envolve um estranho triângulo amoroso.



O Quarto Vermelho
de Nicci French

Record, 448 págs., R\$ 46,90

Escrito a quatro mãos pelo casal de jornalistas britânicos Nicci Gerrard e Sean French, o romance apresenta um estranho quarto vermelho, ocupado pela psiquiatra Kit Quinn, onde os piores pesadelos se tornam reais.

Blog — Entenda a Revolução que vai Mudar seu Mundo
de Hugh Hewitt

Thomas Nelson Brasil, 264 págs., R\$ 34,90

O professor e radialista analisa em sua obra a importância dos blogs e a revolução que está ferrendo a comunicação mundo da comunicação.

Lobby — O que é. Como se Faz
de Saïd Farhat

Aberje, 512 págs., R\$ 68

O livro explica as diferentes concepções para o trabalho do lobista, analisa o papel de instâncias que trabalham como estes profissionais e estuda as maneiras pelas quais esta atividade se dá em diferentes contextos.

Amor, Sexo e Tragédia
de Simon Goldhill

Zahar, 300 págs., R\$ 44

Com inteligência e bom humor, o livro mostra como as tradições greco-latinas estão presentes na vida ocidental até hoje, do lazer à política, da psicanálise à religião.

Memórias do Assassino de Sissi
de Luigi Lucheni e Santo Cappon

Documento histórico único,

a obra é a publicação das memórias escritas na cadeia do anarquista Luigi Lucheni, que assassinou a imperatriz da Áustria em 1898, na Suíça, sendo condenado então à prisão perpétua.

A Guerra dos Mundos
de H. G. Wells

Alfaguara, 240 págs., R\$ 34,90

A ficção científica que inspirou os cineastas Orson Welles e Steven Spielberg, tornou-se um clássico ao ser o primeiro livro a descrever a chegada de extraterrestres. Publicado originalmente em 1898, a obra é uma analogia à colonialista e imperialista Inglaterra.